

6º Simpósio Internacional da Faculdade de Ciências Sociais
A qualquer descuido da vida a morte é certa
10 a 12 de agosto de 2022
UFG – Goiânia – GO

GT 19 - PERFORMANCES NEGRAS E NOSSAS ENCRUZILHADAS
POÉTICAS DE UM CORPO ATLÂNTICO: DEVIRES ENTRE A PERFORMANCE
NEGRA E A DANÇA INCLUSIVA

Rafaela Francisco de Jesus
Universidade Federal de Goiás
Rafaela.fj11@gmail.com

Renata de Lima Silva (Kabilaewatala)
Universidade Federal de Goiás
Renata_lima_silva@ufg.br

POÉTICAS DE UM CORPO ATLÂNTICO: DEVIRES ENTRE A PERFORMANCE NEGRA E A DANÇA INCLUSIVA

RESUMO

Este trabalho pretende discorrer sobre as relações entre a dança inclusiva e a performance negra, a partir de diálogos pautados entre o Núcleo de Pesquisa e Investigação Cênica Coletivo 22 - NUPICC 22 e o Grupo de Dança Diversus. Tal exercício se dá por meio de uma carta que borra as fronteiras do tempo cronológico, se destina ao passado, para contar as novidades de agora. Assim, transita pelas experiências vivenciadas entre 2018 e 2021, no interior dos projetos *Dançando com a Diferença: Arte, Inclusão e Comunidade (2017/2018)* que dá origem ao Grupo Diversus e o projeto *Aperfeiçoamento artístico em Dança Inclusiva com o grupo Dançando com a Diferença (2020)*, este último resultou em uma experiência de intercâmbio de uma das autoras com o Grupo Dançando com a Diferença em Portugal. Além disso, costura sentidos com o NUPICC 22, espaço de produção de conhecimento decolonial e popular que abriga as pesquisas do Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais e Artes da Cena da UFG. Assim, o estudo ensaia o corpo como lugar onde dissolvem as fronteiras do saber, ao anunciar pistas de um processo criativo denominado *poéticas de um corpo atlântico*.

Palavras-chave: Arte; inclusão; dança

Ilhéus, 22 de junho de 2022

Querida Rafaela,

Daqui deste tempo agora e deste espaço dor, já havia desistido de te escrever, primeiro porque acredito que você teria mais a dizer, com certeza me motivaria e me diria palavras bonitas, sobre a beleza do caminho, sobre não desistir. Viviane Mosé em sua obra “poema preso” nos alertou que:

A maioria das doenças
que as pessoas têm são poemas presos,
abscessos, tumores, nódulos, pedras.
São palavras calcificadas,
poemas sem vazão.
Mesmo cravos pretos, espinhas,
cabelo encravado, prisão de ventre,
poderiam um dia ter sido poema,

mas não.
Pessoas adoecem da razão,
de gostar de palavra presa.
Palavra boa é palavra líquida,
escorrendo em estado de lágrima.

Lágrima é dor derretida,
dor endurecida é tumor.
Lágrima é raiva derretida,
raiva endurecida é tumor.
Lágrima é alegria derretida,
alegria endurecida é tumor.

Lágrima é pessoa derretida,
pessoa endurecida é tumor.
Tempo endurecido é tumor,
tempo derretido é poema.[...]

(MOSE, 2006)

As minhas lágrimas eram frustrações derretidas, resisti em te encarar porque me vi frágil e tão cansada de correr “como quem corre com fratura exposta” como cantou o rapper Emicida em *Ismália* (2020)¹, canção do álbum amarElo. De certa forma tive vergonha de te encarar e reconhecer as imperfeições do caminho. Você sabia melhor o que queria e as motivações que te norteavam, mas também já tinha consciência que o caminho nos maltrata tanto que quando começamos a chegar onde queríamos estamos adoecidas a ponto de não conseguir usufruir plenamente. As lágrimas estavam endurecidas, em cada parte do meu corpo, dos fios de cabelo que caem até o intestino que doía e insistia em doer.

É fato que já não estávamos bem quando começamos essa caminhada, você teve que driblar seus medos, seu luto, suas crises de ansiedade para conseguir dar conta de tudo que achava que deveria dar. E você conseguiu! Quando concluiu a graduação em 2016, se deparou com o limbo do desemprego. A necessidade de sobrevivência nos coloca onde provém o sustento, você tentou diversos concursos para professora substituta, retornou por um tempo para o ramo dos seguros, deu aulas em algumas academias, enquanto isso se candidatou a uma especialização em História e Cultura das Africanidades Brasileiras na Universidade Estadual de Goiás, Campus Cora Coralina na Cidade de Goiás.

Na mesma época por incentivo da Renata de Lima Silva, criou coragem para tentar o mestrado em Performances Culturais na UFG. No começo acreditava que daria continuidade a sua pesquisa iniciada na graduação sobre Dança-ação de histórias, mas foi provocada por ela a pesquisar sobre performance negra, a partir da trajetória de Victória Santa Cruz. Embora você não soubesse muito sobre performance negra e nem sobre Victória Santa Cruz, aceitou o desafio e foi em busca dela. A única coisa que já sabia era que ela era a autora do poema *Me Gritaron negra*, pois uma amiga havia lhe

¹ “Ismália” teve como inspiração o poema de mesmo nome escrito pelo mineiro Alphonsus de Guimaraens (pseudônimo de Afonso Henrique da Costa Guimarães). “Geralmente, a tônica dada a esse texto é a romântica, ou melhor, a loucura de amor. Eu enxergo de outra maneira, que é a metáfora do que é ser preto no Brasil”, explica o rapper. (Fonte: <http://www.labfantasma.com/amarElo/>)

enviado via *facebook* alguns anos antes. Quando conseguiu unir o nome à pessoa, grata foi a surpresa, pois se aprovada teria muito trabalho e muito aprendizado pela frente.

Você foi aprovada em ambos os processos seletivos, primeiro na especialização e as aulas começaram ainda em 2017, em seguida no mestrado que teve início somente em 2018. Assim, você encarou o desafio de fazer uma especialização e um mestrado ao mesmo tempo. Na mesma época iniciou uma nova jornada afetiva, foi morar junto com seu até então namorado e essa parceria foi importante nesses processos de formação e transição, apesar de todos os conflitos de uma relação a dois, com dificuldades financeiras, ambos com a vida por definir, considero que tenha sido bom contar com o que naquele momento era o início de uma possibilidade de família e com certeza, reduziu um pouco da sensação constante de solidão que há muito já te perseguia.

As viagens de Goiânia até a cidade de Goiás eram cansativas, você acordava às 04h30 da manhã aos sábados e assistia às aulas com muito entusiasmo e sono. Mas as idas e vindas foram se tornando um tipo de terapia em grupo, logo encontrou sua tribo e conseguiu articular carona para ir e voltar. Alguns desistiram logo no começo, mas as que seguiram firmes se transformaram, se empoderaram e ninguém saiu como entrou. Cada aula, era um espaço de transformação, debate e produção de conhecimento embasado na construção de histórias e culturas das Africanidades brasileiras, como era o nome do curso.

Escrever, curar e resistir: O Mestrado...

O processo seletivo para o mestrado exigiu muito de você, primeiro porque a inscrição por si só já selecionava quem poderia ou não prestar, R\$ 150,00 só de inscrição, fora os documentos, deslocamento até a universidade, a sensação era de que aquele espaço já não era seu. Mas, você rompeu a primeira barreira, pegou emprestado o valor da inscrição, organizou o projeto, pediu dicas a Flávia Honorato que já estava no programa e lhe enviara seu projeto para consultar. E começou a se orientar pelo edital e bibliografia do ano anterior, então antes mesmo do edital sair você já estava estruturando o projeto e se preparando.

Fazer parte do Núcleo de Pesquisa e Investigação Cênica Coletivo 22 foi de grande ajuda para esse processo de formação, pois lá tínhamos a oportunidade de acompanhar trajetórias e pesquisas inspiradoras e diversas, que davam dimensão do que era a vida acadêmica já que reunia artistas, estudantes e pesquisadores de graduação e

pós-graduação, um verdadeiro intercâmbio de informações e um espaço de acolhimento de pesquisas e existências.

Você se apegou aquela oportunidade como uma possibilidade real de continuar estudando arte, de continuar na dança, de apenas continuar... Você e Juliana Jardel tentaram e juntas, comemoraram cada etapa vencida. Quando a entrevista chegou, estava tão nervosa, lembra? A banca lhe pediu para falar sobre sua trajetória, você completamente pega de surpresa, começou a chorar, essa pergunta não parecia estar no script. Doe o olhar pra trás, da mesma forma como dói agora.

Pois, foi o momento de lembrar do quão difícil foi alcançar o diploma de graduação, dos momentos em que a fome apertou, do momento em que desistiu e depois retornou, dos dias em que aguentou a residência universitária pois não havia outra possibilidade de moradia, da condição de sua família e da sua teimosa esperança em se colocar ali. Então depois de se acalmar, você disse a banca um pouco da sua trajetória.

Hoje eu me lembrei muito desse dia, pois o exercício que faço agora lhe escrevendo deu passagem a todas as palavras, poemas e lágrimas que estavam presas, ainda bem que estão saindo, pois como alertou Viviane Mosé “Pessoas adoecem da razão, de gostar de palavra presa. Palavra boa é palavra líquida, escorrendo em estado de lágrima.” Eu não tive o que fazer hoje senão deixar escorrer, as palavras agora escorrem líquidas e espero que te encontrem nesse passado próximo de tantas travessias do agora.

Quando saiu o resultado final, foi motivo festa, você foi aprovada em segundo lugar. Um grande SIM no meio de alguns não. Havia um caminho tão incerto e tão bonito pela frente. 2018 não começaria como o ano anterior, no limbo, na incerteza, agora havia uma direção, os próximos dois anos seriam dedicados a missão de tornar-se mestra.

Quando 2018 chegou, você fez sua matrícula e logo soube que seria bolsista CAPES, quem diria que o mestrado lhe ajudaria também a sobreviver financeiramente. Essa bolsa foi sua benção e sua maldição, pois ela te ajudou a se manter, a comprar seus livros e até a ajudar sua família. Mas também foi motivo de auto cobrança e de cobrança institucional, pois bolsistas tem uma série de obrigações a cumprir. Não havia espaço para falhar! Você não queria falhar.

O mestrado te proporcionou muito aprendizado, muitas redes foram construídas através dessa pesquisa, Danielle Almeida foi uma delas, uma amizade que começou pela curiosidade em saber mais sobre Victoria Santa Cruz e se firmou na generosidade da troca e no afeto mútuo. Danielle, foi a primeira a pesquisar sobre Victoria Santa Cruz, ela é uma das vozes que multiplicam e relembram as trajetórias de artistas negras da América Latina ou dos territórios de *Abya Ayala*², nome ancestral de nossa terra.

O contato com Danielle Almeida permitiu que você fosse algumas vezes para São Paulo, na primeira vez, ela te convidou, pois ministraria um curso sobre Victória Santa Cruz, na Ação Educativa. Na ocasião Danielle era arte educadora do Museu AfroBrasil³, então além do curso sobre Victória Santa Cruz, você recebeu uma verdadeira aula sobre a herança africana no Brasil de um jeito que ainda não havia visto.

Ali, você entendeu melhor sobre as tecnologias que cada povo dominava e que a escravidão não foi aleatória e nem pela cor da pele, mas pelo conhecimento que cada povo possuía, desde a agricultura a mineração, tudo era de conhecimento africano e foi usurpado pela Europa. Danielle abriu um novo mundo de possibilidades e ainda hoje segue cumprindo esse papel, vocês ainda são amigas, atualmente ela mora em Colônia na Alemanha e é residente da Academia de Artes do Mundo⁴.

O mergulho pela performance negra de Victória Santa Cruz, te levou as profundezas do seu ser, te conectou a sua ancestralidade, te ajudou a se dar conta de diversos ciclos de sua história familiar e te ajudou a curá-los. Foi mergulhando em Victória que você descobriu e se apropriou da escrivência de Conceição Evaristo, dos feminismos negros, em Lélia Gonzalez, Djamila Ribeiro, Janja Araújo, Joanilza Francisco e Maria Francisca, respectivamente, sua mãe e sua avó, que também foram suas destinatárias. Assumindo o desafio de escrever de forma poética e um tanto acessível você percorreu sobre conceitos, performances, questões históricas, culturais, afetivas por meio de cartas destinadas a autoras e pessoas de sua família, tudo passando e partindo de Victória Santa Cruz, e no fim, resultou em uma tessitura tão sua, tão dela, tão nossa, que deu gosto ver, deu gosto ler.

² *Abya Yala* na língua do povo Kuna significa “Terra madura”, “Terra Viva” ou “Terra em florescimento” e é sinônimo de América. O povo Kuna é originário da Serra Nevada no norte da Colômbia tendo habitado a região do Golfo de Urabá e das montanhas de Darien e vive atualmente na costa caribenha do Panamá na Comarca de Kuna Yala (San Blas). (PORTO-GONÇALVES, In: <http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/a/abya-yala>)

³ Mais informações em <http://www.museuafrobrasil.org.br/o-museu/apresentacao>

⁴ *akademie der kunste der welt* – Mais informações em: <https://www.adkdw.org/de/>

O ano de 2018 estava chegando ao fim e você foi apresentar parte de seu trabalho e de Flávia Honorato com orientação da Renata na Argentina, quem diria, foram juntas a San Salvador de Jujuy a convite da Universidade Nacional de Jujuy, integrar a programação do *II Jornada de Estudios Indígenas y coloniales* (CEIC), na ocasião apresentaram o trabalho intitulado *Mulheres afro latino Americanas em cena: Um estudo da Performance* e a Professora Renata de Lima Silva, apresentou e debateu o videodança *Ejé*. Entre os dias 30 de novembro e 04 de dezembro, participaram ativamente da programação, inclusive, você apresentou o trabalho cênico *O caçador de uma flecha só* no encerramento e seguiram para Salta, comunidade próxima a Jujuy onde realizaram uma oficina de danças populares brasileiras.

O norte da argentino era tão andino e exalava a tradição afro-ameríndia, tudo se revelava encantador, até que você recebeu a notícia de que um de seus irmãos paternos estava internado em estado grave, vítima de uma infecção e dois dias depois, recebeu a notícia de que ele não resistiu e faleceu em Salvador-BA. A música *Notícias de Salvador* há pouco lançada por Luedji Luna, embalou seu choro, seu luto e os dias que ainda restavam daquela viagem seguiram cinzentos e com a visão ainda turva, vocês retornaram ao Brasil dois dias depois. Renata e Flávia foram apoio e consolo! José Antônio, ou apenas, Thony como era chamado morrera alguns dias depois de completar 25 anos, era um jovem negro, gay, estudante de direito, que assim como você, fora criado sem pai, mas no caso dele, sem o apoio de sua mãe que era dependente química, fora criado por seus avós maternos. Ele assim como você era um sobrevivente que sonhava com um futuro melhor. Não houve tempo para ele e você ainda tenta aceitar que uma vida tão cheia de sonhos tenha ido assim tão cedo.

Você chegou da Argentina e foi defender seu Trabalho de Conclusão de Curso da especialização, na cidade de Goiás. Trabalho que dedicou alguns meses entre ensaios, escrita e apresentações-ações, sob orientação e direção da Professora Renata Lima, deram continuidade ao trabalho iniciado na graduação em dança e escreveram o artigo *É mito mas pode ser verdade: As Africanidades brasileiras nos processos interativos em dança*, que meses depois foi publicado na revista *TemporisAção* em um dossiê especial que reuniu os TCCS da pós.

Este trabalho te permitiu retomar a Dança-ação de histórias *O caçador de uma flecha só* e levá-lo como apresentação-ação a algumas instituições de ensino de Goiânia e na Cidade de Goiás, já que a própria pós foi campo de estudo e formação coletiva, pois

você e Juliana ministraram juntas a aula inaugural *O Sagrado movimento negro*, você se lembra como foi emocionante aquele dia?

A pós-graduação em História e Cultura das Africanidades Brasileiras, te ensinou muito, desde as aulas às conversas da estrada, dos segredos trocados pelo caminho. Ainda hoje a Professora Siomar Moura, segue sendo sua amiga e confidente, vira e mexe vocês conseguem organizar as agendas e marcar uma boa prosa regada a vinho. Recentemente ela me emprestou um livro, me recomendou que lesse, pois me viu em várias páginas, de autoria de Fabiane Albuquerque, *Cartas a um homem negro que amei* é uma obra biográfica escrita em forma de cartas. Trata-se de uma mulher negra que conta sua história desde a infância marcada por abusos, faltas estruturais e excessos de abandono, realiza uma análise de sua vida, que é a vida de tantas... Há mais Fabianes no mundo do que gostaria de reconhecer. Ela foi abusada pelo avô e silenciada por suas tias, sua mãe morrerá cedo e ela e seus irmãos foram criados de casa em casa, servindo de empregados, sem direito a infância, ao cuidado e ao afeto.

Fabiane questiona a falta de cuidado atribuída a criança negra, em comparação a criança branca, as vezes na mesma família recebem tratamentos desiguais, o retrato social da desigualdade se manifesta dos detalhes do cotidiano. A história de Fabiane se repete tantas vezes, essa semana por exemplo, vimos uma criança de 11 anos ser exposta após denunciar o abuso sexual que sofrera pelo próprio pai que a engravidara. Ela foi submetida a uma audiência desumana que deixou ainda mais evidente que as vozes que violentaram e silenciaram Fabiane, seguem silenciando, violentando e devastando existências de meninas mulheres. Como afirmou Conceição Evaristo (2017) “A noite não adormece nos olhos das mulheres, a lua fêmea, semelhante nossa, em vigília atenta vigia a nossa memória.”

O caminho pelo mestrado foi se mostrando, e em julho de 2019 você passou pelo ritual de qualificação, conseguiu com recursos próprios, trazer de São Paulo, Danielle Almeida e ainda promoveu, juntamente com o Núcleo de Pesquisa e Investigação Cênica Coletivo 22 – NUPICC 22 e apoio do Programa de Pós-graduação em Performances Culturais, a mesa *Performance e Feminismo Negro no Contexto da América Latina*, que contou com as falas de Danielle Almeida e a Mestra e Professora Dra. Rosângela Janja Araújo.

Essa qualificação te virou do avesso, foi nesse período que começaram as suas intolerâncias a lactose e glúten. Você estava tão assustada, após mais de 3 semanas com diarreia, aquela altura crônica e um quadro de perda de peso e desidratação e ainda, idas frustradas ao médico, foi quando começou por conta própria a retirar o glúten e a lactose da alimentação e foi a solução, o diagnóstico veio algumas semanas depois após o exame de sangue.

Nessa época, você foi buscar ajuda, começou terapia e acompanhamento psiquiátrico para ajudar na ansiedade que a escrita lhe causava, e no seu processo de luto pela perda de seu irmão, entendeu que sozinha não se pode carregar tanto. Até hoje sigo aqui em 2022 na terapia, no psiquiatra, buscando cuidado, pois aprender a pedir ajuda, segue sendo um desafio, você sabe bem disso. Após a qualificação, o trabalho foi assumir a escrita de cartas como a estrutura do texto, isso deu um fluxo poético a dissertação, só assim você pôde se dedicar a escrever com a intuição de que tanto falou Victoria Santa Cruz, com seu ritmo interior, se conectou com a sua ancestralidade e fez da carta sua linguagem, sua escrevivência.

O ano de 2019 também foi de tentativas, ainda em fevereiro você submeteu o projeto *Aperfeiçoamento artístico em Dança Inclusiva com o grupo Dançando com a Diferença* ao Fundo de Arte e Cultura do Estado de Goiás, por meio do edital 02/2018 bolsa de formação em Artes e foi contemplada. No mesmo ano, prestou o concurso para professor substituto de Artes para o Instituto Federal da Bahia, Campus Barreiras e passou em segundo lugar, aqui você plantou com fé e colheu um tempo depois.

O ano de 2020 começou a todo vapor, a organização para a defesa de mestrado teve que dividir espaço com a produção do projeto de Aperfeiçoamento artístico, contemplado de Fundo de Arte e Cultura do Estado de Goiás e como um presente de natal o recurso havia sido creditado em sua conta no dia 24 de dezembro de 2019. Você podia sentir os ventos de um ano tão promissor que começara de um jeito diferente, com uma etapa importante para concluir e outra empolgante para começar.

Assim, a sua defesa de mestrado aconteceu em 12 de fevereiro de 2020, a sua banca foi a mesma da qualificação, composta pelas Profas. Dras. Marlini Dorneles de Lima (UFG) e Rosangela Janja Araújo (UFBA), ambas contribuíram com afeto e perspicácia, mergulharam de forma sincera no trabalho. Danielle Almeida do mesmo modo contribuiu com o trabalho e ainda nos brindou com a declamação do poema *Me*

Gritaron Negra, o qual você performou/dançou com participação especial do músico e colega Diego Amaral. Ao fim daquela tarde, você foi aprovada! Você conseguiu querida. Parabéns!

O intercâmbio...

Duas semana após sua defesa, você saiu para o intercâmbio que sonhou e planejou. Esse sonho começou 2 anos antes, quando conheceu o Dançando com a Diferença, durante a remontagem do espetáculo *ENDLESS* (2012) coreografia de Henrique Amoedo. Tal remontagem foi parte do projeto *Dançando com a Diferença: Arte, Inclusão e Comunidade*, que vem sendo desenvolvido desde o ano de 2017, na cidade de Goiânia pela Professora Dr.^a Marlini Dorneles de Lima. Uma das ações desse projeto foi contemplada pelo Fundo de Arte e Cultura do Estado de Goiás - edital 17/2016, com o objetivo desenvolver atividades de formação, bem como ações educacionais e artísticas, aproximando arte e inclusão, a partir da remontagem do espetáculo *ENDLESS*.

Esse espetáculo composto diversas linguagens artísticas, mexeu profundamente com você, te levou a sonhar com outras possibilidades na dança. A dramaturgia buscava questionar a condição humana, a partir do Holocausto vivido durante a II Guerra Mundial. Na remontagem do *ENDLESS* em Goiânia questões específicas presentes no Brasil foram inseridas, como racismo, feminicídio e a morte das pessoas LGBT, que apareceram como parte da composição de algumas cenas.

Esse processo artístico, criativo e formativo deu origem a *exposição (Re) Existência* e ao documentário *ENDLESS*⁵, de cunho sensorial e acessível, teve curadoria de Julia Mariano e possuía imagens e vídeos do Making off da produção do espetáculo, com áudio descrição das fotos, piso tátil, legendas em braile, além de algumas fotos em 3D, contou ainda com a participação do artista visual Hal Wildson que desenvolveu a série “poesia táteis”, as obras dialogavam com a dramaturgia do espetáculo e tratavam do amor, solidão, afeto e as diferenças da condição humana.

O documentário é composto por imagens do *Making off*, das apresentações e por depoimentos de alguns participantes, foi analisado no artigo *Dança como possibilidade de educação para Direitos Humanos: entendendo, discutindo e encenando o Holocausto* de autoria de Vanessa Helena Santana Dalla Déa, Marlini Dorneles de Lima, José Henrique Amoedo Barral, Julia Mariano Ferreira (2021). Neste, os autores

⁵ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=5S4ybppFCRg>

evidenciaram o potencial inclusivo e decolonial da dança, a partir de discussões que educam seus participantes e expectadores na perspectiva dos direitos humanos, não apenas pela temática, mas por sua abordagem que primou a acessibilidade e transversalidade de saberes em todas as suas etapas. Ou seja, para eles:

A dança tem o poder de incorporar questões sociais, políticas, estéticas e afetivas, os movimentos em dança formulam impressões, concebem e representam experiências, projetam valores, sentidos e significados, revelam ainda os sentimentos, sensações e emoções. (Dalla Déa VHS et al., 2021, p. 93)

Você mergulhou na poética e na história contada pelo espetáculo, sentiu o incomodo de representar um período histórico tão denso. Uma das coisas, que mais chamou sua atenção naquele processo foi a possibilidade de ver de perto a prática inclusiva e a construção de uma dramaturgia acessível a tantas pessoas diferentes. Além disso, a estrutura e notoriedade do trabalho desenvolvido pelo Dançando com a Diferença eram quase inimagináveis em comparação ao contexto brasileiro. Enquanto as companhias brasileiras lutam e agonizam para sobreviver, o Governo Regional da Madeira, onde a Cia. Tem sede, acolheu e compreendeu a inclusão como uma política de estado, assim o Dançando tem parte de sua estrutura financiada pelo governo, e outra parte custeada pelas vendas e circulação de espetáculos.

Os desdobramentos desse projeto seguem vivos até hoje, o Grupo de Dança Diversus continua suas atividades e segue comprometido com a democratização da dança inclusiva e decolonial. O projeto que permitiu o intercambio, também foi um deles.

Agora, que as lágrimas reduziram por aqui, preciso te contar que as coisas não saíram como você esperava, você foi para Portugal no dia 04 de março de 2020, com uma mala cheia de desejos e um cronograma que almejava dançar mundo afora, desejo que pulsava em você desde que deixara Barreiras, em 2012. Era tempo de realizar esse sonho, se dedicar mais a prática e a produção cultural, você dançaria junto com a Cia. em Roterdam, o espetáculo SAFE (2019) de Henrique Amoedo, que era a continuação do *ENDLESS* (2012), assistiria ao espetáculo Bichos, do coreógrafo Rui Lopes Graça (2016) em Lisboa, participaria de duas residências artísticas com diferentes coreógrafos da Espanha e Portugal. Faria uma pesquisa de campo em uma casa de tratamento e promoção da saúde mental. Esse era o cronograma até onde se podia prever, pois ainda

havia ações a ser confirmadas, uma vez que o calendário estava sendo finalizado pelo Dançando.

Então, você tinha muito a fazer e ficaria em atividade constante entre março e maio, e retornaria ao Brasil em junho de 2020, para executar a parte de devolutivas do projeto, que previa 10 intervenções compostas por palestra, oficina e apresentação artística. No entanto, logo que chegou a Portugal o mundo mudou completamente, em 5 dias os aeroportos fecharam, isolamentos foram decretados, a pandemia causada pelo vírus SARS-COV-2 começou fazendo estragos na China e foi fazendo vítimas no mundo inteiro. Até o dia de hoje no Brasil, morreram 669 mil pessoas, boa parte dessas vidas teriam sido evitadas se vacinação tivesse chegado mais cedo.

Você ficou presa em um apartamento durante dois meses, com uma pessoa completamente estranha e alheia ao sentido da democracia e ao zelo pela vida, ou a diferença. Vocês eram completamente incompatíveis, o que aumentou a sua solidão durante o isolamento. Passados 2 meses, na Ilha da Madeira já estavam controlados e mapeados os casos da primeira onda do Covid 19, então o comércio e os espaços de práticas corporais puderam retomar suas atividades com as devidas restrições, assim o Dançando com a Diferença começou com uma preparação corporal em ambiente externo, com caminhadas, treinamento funcional e pilates. Era mágico poder sair de casa e treinar junto com os bailarinos olhando o mar. Foi nesse espaço, chamado Jardins do Lido que você apresentou a Dança-ação de histórias *o caçador de uma flecha só* e ministrou a primeira oficina aos bailarinos da cia.

Ali no Jardins do Lido em meados de maio a sua chegada começou a fazer sentido. Você aproveitara o período de isolamento para ler a dissertação de mestrado de Henrique Amoedo, intitulada *Dança Inclusiva em Contexto artístico análise de duas companhias*, defendida em 2002, na Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa, na qual ele estreia e conceitua o termo Dança Inclusiva, para Amoedo:

Gostaríamos muito de poder denominar estes trabalhos simplesmente por dança, em sua vertente contemporânea, mas para que possa existir uma momentânea diferenciação conceptual no cenário contemporâneo da dança optamos, neste momento, por chamar de “DANÇA INCLUSIVA” aqueles trabalhos que incluem pessoas com e sem deficiência onde os focos terapêuticos e educacionais não são desprezados, mas a ênfase encontra-se em todo a elaboração e criação artística. Todo este processo deve levar em consideração a possibilidade de mudança da imagem social e inclusão destas pessoas na sociedade, através da arte de dançar, uma necessidade premente

em vários países onde este tipo de trabalho existe. (AMOEDO, 2002, p. 20 e 21)

A compreensão do conceito te ajudou a olhar e vivenciar a prática de outra maneira, bem como contribuiu para embasar a sua percepção criativa e histórica da Cia. Por meio do acesso ao repertório que lhe foi compartilhado, esse período de estudo também foi composto por reuniões com Henrique Amoedo, que era o orientador artístico e pedagógico do projeto. Durante essas conversas ele trouxe sua visão de dentro de alguns processos criativos, das redes que o Dançando foi tecendo com outros coreógrafos e ainda das dificuldades atravessadas ao longo dos 20 anos de história do Dançando com a Diferença.

O seu desejo de viver um presente dançante, foi trocado pelo mergulho em um passado que você não dançou, um eterno reviver do não vivido. Foi o início de um período de resiliência que duraria algum tempo. Seu intercambio que deveria ter durado três meses, dos quais dois deles passara isolada, foi prorrogado, assim você teria mais do que 30 dias de vivência com o grupo e poderia executar parte as ações que havia proposto, resultando em 5 meses. As duas apresentações e duas oficinas aconteceram com número reduzida de pessoas, do mesmo modo a pesquisa de campo foi substituída por um grupo focal, o processo de criação que seria coletivo, foi feito solo e depois, tudo foi transformado em um vídeo chamado *Relatos de uma experiência com o Dançando com a Diferença*⁶, que foi o meio mais qualificado que você encontrou para compartilhar a experiência do intercambio nas devolutivas.

O seu voo de regresso estava agendado para 27 de julho de 2020 e por conta da pandemia foi remarcado para o dia 04 de agosto. A sensação era de insegurança, medo de ser infectada durante a viagem, e a transição de um “lugar seguro”, onde a pandemia estava sendo tratada de forma séria, para o olho do furacão, onde o presidente do país dizia ser apenas uma “gripezinha”. Se houvesse uma fenda no tempo que eu pudesse atravessar, teria chegado até você antes, para te avisar que o chão iria desaparecer sob seus pés algumas vezes, pois na volta você iria recomeçar do zero, sem emprego, sem lar, sem relacionamento, com muita frustração e um projeto para terminar de executar.

⁶ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=KWHxi-dQ69I&t=2s>

Nos meses que sucederam sua chegada você retomou seu apartamento, aprendeu a viver com menos do que tinha, trabalhou pelo projeto, deu aulas de pilates on-line, escreveu outros projetos, chorou todos os dias e não se via em mais nada. Pesquisando depois, descobriu que a Síndrome do regresso afeta as pessoas que moram em outro país e depois retornam a seus lares com dificuldades de adaptação.

Mas, você sabia que não era só isso, pois havia experimentado um curto período de “segurança” e algum conforto, se deu conta do quanto te faltava e do quanto a noção de básico era abismal entre Brasil e Portugal. Mais uma vez, percebeu que a política de desigualdade e miséria empregada pelo estado brasileiro era proposital e devastadora, pois em Portugal durante a pandemia, os preços dos alimentos foram mantidos, enquanto no Brasil estávamos pagando mais de R\$ 30,00 por 5kg de arroz. Comer no Brasil estava mais caro do que em Portugal, como era possível? Se o euro estava mais de R\$ 6,00 naquela época? Isso tudo alimentava a sua revolta em estar de volta, sem nada, absolutamente nada.

Com todo essa tempestade interior e exterior, pois parecia mesmo o fim do mundo, e o número de mortos só aumentava, não havia perspectiva de vacinação, as ondas de Covid 19 no Brasil parecia acontecer em espiral, não dava pra saber onde uma terminava para outra começar. Por isso, a medida em que os meses foram passando sem perspectivas de melhoria, você decidiu concluir o projeto em formato remoto, então foi feito contato com as instituições parceiras. Realizados os ajustes necessários e produzido o vídeo *Relatos de uma experiência com o Dançando com a Diferença*, começamos a maratona de devolutivas, que foram realizadas Associação dos Surdos de Goiânia (4), no Grupo Diversus (1), CEPI Roberto Civita (1), CEPI Novo Horizonte (1), Comunidade Jongo Iracema de Anápolis (1) e NEADI/UEG Campus Cora Coralina, Cidade de Goiás (1).

O vídeo *Relatos de uma experiência com o Dançando com a Diferença*, reuniu seus depoimentos e dos bailarinos da Cia. Sobre a experiência de intercâmbio e ainda uma versão do videodança *Instantes* que foi resultado do processo de criação solo realizado durante a experiência. O vídeo ficou disponível ao público durante 20 dias e depois precisou ser retirado do ar, por questões acordadas com o Dançando, sobre direito de uso de imagem. Ainda que no modo remoto, as experiências relatadas no vídeo e o videodança *Instantes*, comunicou a cada pessoa que pôde ver. Deu esperança aos que ainda seguiam isolados, pois se na Região Autônoma da Madeira, eles já podiam voltar a viver, então nos alimentamos com a esperança de que logo chegaria nossa vez.

De mãos dadas com o Grupo Diversus

O ano de 2021 começou com a produção do espetáculo *Transbordar*⁷, contemplado pelo Edital Funarte Acessibilização de 2020. A dramaturgia do espetáculo foi construída a partir da pergunta, “o que transborda em você?” Todo processo criativo foi online e a equipe se reuniu apenas para as filmagens, regadas a distanciamento e muito álcool, conseguimos reduzir um pouco da saudade dos palcos, ainda que sem público, naqueles dias aprendemos sobre novas possibilidades de criação e produção.

Depois dali, você precisou se mudar para Barreiras-BA, aceitando trabalhar novamente na Rio Ondas Seguros, onde trabalhou antes da faculdade e manteve contato. Naquele momento, você estava em busca de qualquer lugar que lhe parecesse familiar e ali era, familiar, pequeno e cômodo. Então, trabalhou na Rio Ondas até ser convocada pelo Instituto Federal da Bahia, naquele concurso que prestou lá em 2019, lembra? Apesar de ter feito para Barreiras, o Campus Ilhéus apresentou a demanda primeiro e sem pensar duas vezes, aceitou a proposta. Em março de 2021 um novo ciclo começou para você, esse trabalho te devolveu um pouco da sua dignidade e te ajudou a pagar as contas há tempos atrasadas.

Dar aulas mesmo que remotas te levou a experimentar o lugar de docente que algum tempo buscara, apesar da ansiedade causada por esse formato de trabalho, foi gratificante poder ter contato com a sala de aula e criar um espaço de ensino-aprendizagem democrático com o ensino médio. bell hooks e sua obra *Ensinando a Transgredir*, foi uma referência fundamental para construção de um espaço de escuta e produção mutua de conhecimento.

A transição para o modo presencial ainda está em processo, o que lhe obriga a estar em Ilhéus-Ba e apesar de todo o desejo que você tinha de morar no litoral, Ilhéus não te pareceu tão bela e acolhedora como esperava. Antes acabou sendo um lugar que lhe trouxera gatilhos e uma piora significativa em suas crises de ansiedade.

Devires e encruzilhadas: O Doutorado...

Ainda nos primeiros dias de sua chegada ao Brasil, você começou a escrever o projeto para o doutorado, a sua primeira tentativa foi no programa de direitos humanos da

⁷ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=IyNgILQWsYQ>

Faculdade de Direito da UFG, porém você reprovou na prova de línguas. A segunda tentativa foi no Programa de Pós-graduação em Dança da UFBA, mas seu projeto sequer foi avaliado. Apesar do desejo pulsante de ir embora do Brasil, você acreditava que o doutorado lhe daria algum direcionamento, alguma esperança ou razão para continuar. Então resolveu tentar no Programa de Pós-graduação em Performances Culturais da UFG.

Passou nas primeiras etapas, com nota mediana, fez a entrevista e acreditou que havia se saído bem, e para sua surpresa foi reprovada com 6,7. Eu teria desistido ali mesmo, não fosse o apoio e força da Jordana Dolores⁸, amiga de caminhada que também havia sido reprovada. Então, você entrou com recurso, que foi acatado e arredondaram sua nota para 7,0. O seu sentimento foi de injustiça pois sabia que a carta de motivação estava mediana, o projeto de pesquisa confuso, mas na entrevista você havia se preparado e havia ido bem. Quando começaram as aulas do doutorado, persistia a sensação de que não era seu lugar, você teve uma crise de ansiedade logo na primeira aula, não dormiu um pinga, o coração queria saltar pra fora e você disse a si mesma que desistiria, faltou à aula seguinte e mais uma vez, Jordana te pegou pela mão e disse “vamos! Esse espaço é nosso sim!”

O seu projeto tinha toda a sua bagunça interior, somados ao desejo de encontrar sentido no que havia vivido. Então você almejava pesquisar o conceito de ativismo numa perspectiva amefricana, ou seja, almejava olhar para a construção do conceito de ativismo a partir de uma ótica negra e africana construída por Lélia Gonzalez e desejava observar as performances negras e a Dança Inclusiva como possibilidade de ativismo.

Durante o primeiro semestre você se dedicou a não desistir e a concluir o primeiro crédito obrigatório. Conseguiu escrever um artigo para a disciplina de Produção Coletiva do conhecimento I, no qual tentava articular as ideias abordadas no projeto de modo a amenizar os equívocos conceituais apontadas nas primeiras reuniões de orientação com a professora Dra. Renata de Lima Silva (Kabilaewatala).

⁸ Jordana Dolores Peixoto é doutoranda em Performances Culturais na Universidade Federal de Goiás, sob orientação da Profa. Dra. Renata de Lima Silva. Graduada em Educação Artística, com Habilitação em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (UNESP). É também artista-pesquisadora do Núcleo Coletivo 22 e capoeirista do Centro de Capoeira Angola Angoleiro Sim Sinhô.

Quando o semestre acabou, você decidiu comemorar seus 30 anos em Portugal, retornou a Ilha da Madeira, reviu boa parte das pessoas que conviveu. Apesar da pandemia que ainda persiste, a Ilha da Madeira continua linda e encantadora, ela me acolheu e me fez sentir como se nunca houvera saído dali. Foi bom estar de volta, lá estranhamente me sinto em casa, e de tantos lugares que tenho ido, tem sido rara a sensação de estar em casa.

Quanto ao doutorado, os anos letivos e civis ainda estão confusos, o ano letivo de 2020 aconteceu em 2021, o de 2021 em 2022 e o de 2022 no segundo semestre do ano civil 2022. Então o segundo semestre de 2021, me dediquei a me reaproximar do projeto e tentar reformulá-lo. A pesquisa sobre as 5 edições do Fórum de Performance Negra, para a escrita do artigo da disciplina de Produção Coletiva do Conhecimento II, em parceria com a Jordana Dolores ajudou nessa aproximação. Bem como, a leitura da tese de doutorado de Monica Santana, intitulada *Mulheres negras: (auto) - (re)invenções devires e criação de novos discursos de si nos corpos de criadoras negras*, que deu pistas de estrutura e poética mais próxima do que desejo agora. Pois ali havia verdade de tantas histórias e discursos que foram silenciados, mulheres negras puderam falar por si e se reinventarem na cena cada uma com sua especificidade. E daquela leitura sai pensando, que autores e autoras posso convidar a tecer comigo essa tese? Qual as distancias e aproximações entre racismo e capacitismo?

Diferente de quando você estava no mestrado, agora trabalhamos e estudamos, enquanto as atividades foram remotas você flutuou entre Goiânia e Barreiras-BA. Entendo que não queria se aquietar, não queria ficar pensando na frustração e tristeza que sentiu em 2020, então caminhou, caminhou... como cantou Cartola “Deixe-me ir preciso andar, vou por aí a procurar, rir pra não chorar”. E você andou até chegar a Ilhéus, ainda perdida, buscando derreter o tempo, para que ele não se endureça em mim, onde permaneço inquieta.

Antes de chegar aqui, passamos pelo Grupo de Investigação Corporal em Artes – GICA em Barreiras, coordenado pelo multiartista Mauricio Faísca, ali em Barreiras a convite do Grupo Diversus, co-produzimos o espetáculo virtual *Cartas ao Tempo*, contemplado pelo Edital Funarte Acessibilidança 2021. Assim como descrito no *Dança Inclusiva em Contexto artístico análise de duas companhias*, o Diversus segue borrando as fronteiras entre inclusão e decolonialidade propondo uma dança que toque em temáticas

transversais e que de modo sensível, artístico e estético eduquem para os direitos humanos.

No caso, do Espetáculo *Cartas ao Tempo*, que estreará em agosto, esse debate aparece por meio de uma produção feita em três núcleos criativos: 1- Grupo de Dança Diversus; 2- Comunidade Tapuia; 3- GICA Coletivo. Assim, cada núcleo a seu modo, escreveu uma carta ao tempo, colocando questões próprias, apontados para aspectos identitários que foram ponto de partida para a construção dramatúrgica do espetáculo. O Coletivo GICA começou seu processo criativo a distância, você estava no Funchal e de lá escreveu suas cartas ao tempo.

Os demais integrantes, Mauricio Faísca e Danilo Lima, também escreveram uma carta pessoal, vocês leram e depois, juntos transformaram-na em apenas uma. Após sua chegada ao Brasil, vocês conseguiram se reunir para ensaiar e fazer o trabalho acontecer. Tudo fluiu bem, com exceção dos casos de Covid 19 que foram aparecendo nas equipes, obrigando-os a adiar as filmagens e quando o tempo permitiu, vocês dançaram às margens do Rio de Ondas que é afluente do Rio Grande, sendo este último afluente do Rio São Francisco.

O espaço oferecido pelo Diversus durante esses anos te permitiu continuar inserida em criações artísticas, criou espaços de fala e atuação, e com certeza tem feito grande diferença na sua caminhada. Somada a esses processos, você sempre esteve vinculada ao Núcleo de Pesquisa e Investigação Cênica Coletivo 22, espaço de produção de conhecimento afro-ameríndio, decolonial e popular que abriga as pesquisas do Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais e Artes da Cena da UFG.

Nesse transito a relação entre a dança inclusiva e a performance negra começam a aparecer de forma mais palpável em sua trajetória, em um esforço de te ajudar a encontrar o caminho, as professoras Renata de Lima Silva e Marlini Dorneles se unem nessa pesquisa, como orientadora e co-orientadora, respectivamente. Assim, começa a se desenhar uma nova possibilidade de percurso a partir do NUPICC 22 e do Grupo Diversus.

Então existe um caminho que começa na remontagem do espetáculo ENDLESS em Goiânia, que aponta para a inserção de questões próprias do nosso contexto. Como desdobramentos desta ação, surgem o Grupo Diversus, algumas pesquisas de Pós-Graduação, o projeto de intercambio e este projeto de doutorado. Nesse ir e vir pelo

atlântico me lancei em um desafio criativo proposto pelo Grupo Diversus de pensar 4 oficinas teórico-práticas, nas quais partindo de poesias de Beatriz Nascimento e de sua afirmação “Eu sou Atlântica” começo a vislumbrar *poéticas de um corpo atlântico* nome dado as oficinas e norte criativo para um novo processo de criação em dança que se inicia.

Você percebe a bagunça que está por aqui? Preciso reorganizar as vivências e fazer escolhas? Claro! Mas a tentativa tem sido primeiro, me ver de fato nisso tudo, canalizar as frustrações e buscar novos motivos. Talvez eu precise seguir o conselho de Viviane Mosé (2006), sobre poemas endurecidos.

E você pode arrancar
os poemas endurecidos do seu corpo, com
buchas vegetais,
óleos medicinais,
com a ponta dos dedos,
com as unhas.
Você pode arrancar poema
com alicate de cutícula,
com pente, com uma agulha.
Você pode arrancar poema
com pomada de basilicão,
com massagem, hidratação.
Mas não use bisturi quase nunca.

Em caso de poemas
difíceis use a dança.
A dança é uma forma de amolecer
os poemas endurecidos do corpo.
Uma forma de soltá-los das dobras,
dos dedos dos pés, das unhas.
São os poemas-corte,
os poemas-peito,
os poemas-olhos,
os poemas-sexo,
os poemas-cílios.

Acredito que me reconectar com a prática me ajudará a encontrar motivo para mergulhar na teoria, escolher os métodos para analisar tais experiências, mas antes de tudo, preciso conseguir me separar da frustração para olhar a pesquisa de forma mais lúcida. Preciso usar a dança e buscar amolecer os poemas endurecidos do meu corpo, quando isso acontecer, com certeza os votos de esperança se renovarão e a pesquisa ganhará mais sentido. Até lá, estou me conectando em encontrar a cura, por meio de doses diárias de pausas e autocuidado, parei um pouco a corrida, pois fraturas expostas precisam ser cuidadas e o lugares de referências reencontrados.

O processo de adoecimento resultado das reviravoltas da vida e desses anos de pandemia foram sufocantes a ponto de te fazer esquecer desses “lugares de referência”, como afirmou Beatriz Nascimento, aqui vale relembrar o que escrevemos no artigo *É mito mas pode ser verdade: As Africanidades brasileiras nos processos interativos em dança*, trabalho de Conclusão de curso da especialização em Africanidades Brasileiras:

Beatriz propõe que sejam refeitas as relações entre “corpo, espaço e identidade”, para que a pessoa negra possa nesse processo se refazer como pessoa, confrontando assim a ideia de coisificação do corpo negro. E nos espaços de afirmação das identidades, a busca pela ancestralidade e pela liberdade transpassa esse corpo na construção de “lugares de referência transitórios ou duradouros” (RATTS, 2006 in SILVA e JESUS, 2019, p.06)

Aos poucos estou me redirecionando e me reconfigurando, almejo reencontrar os lugares que são referências identitárias e ancestrais e com isso, começo a me sentir mais perto de você, de sua perspectiva esperançosa e idealista. As letras que iniciaram essa carta foram molhadas e escritas desde Ilhéus-BA, no dia 22 de junho. Essas de agora, na qual concluo essa carta, escrevo de Goiânia, já é 25 de julho, dia da mulher negra afrolatina e caribenha, nesse meio tempo muita coisa aconteceu, mas isso é assunto para outra carta.

Abraço, espero que essas palavras lhe encontrem bem.

REFERÊNCIAS

Barral JHA. *Dança inclusiva em contexto artístico análise de duas companhias* [dissertação]. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa Faculdade de Motricidade Humana; 2002.

Dalla Déa, V. H. S., Lima, M. D. de., Barral, J. H. A. ., & Ferreira, J. M. . (2021). *Dança como possibilidade de educação para Direitos Humanos: entendendo, discutindo e encenando o Holocausto*. *Revista Brasileira De Educação Física E Esporte*, 35(3), 89-97. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-4690.v35i3p89-97>.

EVARISTO, Conceição. *Poemas de Recordação e outros movimentos*. Editora Malê, 1ª edição. Rio de Janeiro: 2017.

MOSÉ, Viviane. *Toda Palavra*. Editora Record 1ª edição, Rio de Janeiro, 2006.

SANTANA, Mônica Pereira de. *Mulheres negras: (auto) - (re)invenções devires e criação de novos discursos de si nos corpos de criadoras negras* / Mônica Pereira de Santana. - 2021. 306 f.: il. Orientadora: Profa. Dra. Cássia Dolores Costa Lopes. Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Escola de Teatro, Salvador, 2021.

SILVA, Renata de Lima; JESUS, Rafaela Francisco de. *É Mito, Mas Pode Ser Verdade: as Africanidades Brasileiras nos Processos Interativos em Dança*. *Revista Temporis [Ação]* (Periódico acadêmico de História, Letras e Educação da Universidade Estadual de Goiás). Cidade de Goiás; Anápolis. v. 19, n.2, p. 1-26, e-190201, jul./dez., 2019. Disponível em: <<https://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive>>. Acesso em: 25 jul. 2022